

Acopiara se não chove, estamos de costas para o futuro

Por JB Serra e Gurgel (*)

Os cariocas muito mais que os fluminenses carregam consigo, quando viajam, seja para onde for. De Pequim, Toquio, Paris, Londres, Nova Iorque, Sidney, Cabo Frio, Búzios, uma única preocupação: o tempo. A todo instante quando ligam para casa, uma das indagações inerciais é: como está o tempo. Há uma neurose sobre o tempo. Tudo bem. Realmente o humor da cidade e das pessoas muda com chuva ou sol. Choveu, não tem praia, vende-se jornal e os restaurantes enchem. Não choveu, tem praia, não se vende jornal e os restaurantes ficam às moscas.

Isso como se todos os cariocas fossem à praia. Muitos nunca foram. Nem se preocupam com isso. Também nunca foram ao Corcovado, ao Pão de Açúcar, ao Maracanã, ao Jardim Botânico ou ao Zoológico. No anedotário, há os que confundem Zoológico com Jogo do Bicho, dona Leopoldina é estação de trem e dom Pedro II também...

A preocupação com o tempo, chuva, mais precisamente, é uma pedra na cabeça dos cearenses, especialmente com os que estão longe da terrinha.

Antigamente aguardavam uma carta que levava semanas ou um telegrama, que levava dias, para saber se tinha chovido na sua cidade natal. O telegrama tinha uma palavra: choveu, ou no máximo duas: não choveu. Era suficiente para se ir da alegria à tristeza. Ou então grudava nas ondas curtas do rádio para ver se pegava alguma rádio do Ceará e ouvir se tinha chovido ou não. Ou procurava de banca em banca, como se fácil fosse, um jornal do Ceará para ler o boletim de chuvas, geralmente oferecido pelo telegrafo das estações ferroviárias.

Quem lá está; se preocupa com a chuva, mas quem está longe se preocupa muito mais. Há um certo atavismo, uma certa vontade de que chova logo e muito, pois cada um de nós tem na dimensão humana o que a água representa para as nossas vidas. Viver com pouca água é complicado. Disputar uma lata d'água, um barril, um balde, um tambor, um pote, é o supremo infortúnio. Ficar à mercê de um carro pipa, com a bolsa d'água, de políticos cretinos e ordinários, é uma desgraça perfeita.

Por exemplo, para um nordestino, geralmente discriminado no Centro Sul maravilha, nada lhe desagrada mais do que ver gente gastando água, com banhos de duas horas, lavar entradas de prédios, play ground, calçadas e ruas, carros e cachorros. É muito mais que desperdício é uma afronta a quem não tem água para lavar as mãos, para beber e matar a sede, para cozinhar.

Com a evolução das comunicações, da mídia, da comunicação interativa, o sofrimento da seca invadiu nossas casas onde estivermos. Notícia ruim chega logo e o que antes demorava chegar, hoje, em tempo real nos torna tão participantes, quanto os que lá; estão, com a agravante de que nada podemos fazer. Uma sensação de fuga, de migração forçada, nos prega de culpa, de covardia, de fuga. A impotência dói muito mais. Acabamos nos transformando em reféns virtuais de uma dura realidade incompreensível e injustificável, não fosse produzida pelo próprio homem com a poluição que ameaça o futuro da humanidade.

Nos telejornais, há uma ansiedade com o que vai dizer a moça do tempo. O linguajar rebuscado, ininteligível para o homem comum, tenta justificar o injustificável. O pior é que a moça, do Centro Sul, geralmente bem nutrida, vestida, maquiada, articulada, explica, detalha, esquadrinha, descreve o que vai acontecer no Centro Sul e Centro Oeste e deixa o Nordeste com muito sol e temperatura escaldante.

Sabemos também que a excrescência dos políticos nordestinos, vários por metro quadrado, criou e mantém a “indústria da seca” o que gerou um terrível estereótipo contra nós. A solidariedade é contida pela suspeita de que a ajuda não chegará aos necessitados. Será apropriada pela intermediação do “crime organizado”. Ongs, igrejas eletrônicas e empresários do Centro Sul passaram a fazer justiça com as próprias mãos, furando poços artesanais ou caixas d'água para armazenar água da chuva, quando chover. Temiam e temem que se mandam recursos para furar poços ou construir as caixas estes se transformam em apartamentos de luxo na orla das capitais nordestinas... Não é à toa que se diz que a Sudene serviu apenas para construir a Praia de Boa Viagem, no Recife...

Há poucos dias, em 06.02, o site G1, da Globocom estampou que “a Seca deixa 118 cidades do Ceará em situação de emergência. Em Acopiara, carros-pipa distribuem água para 5 mil famílias. Estiagem prejudica também a zona urbana. A chuva no Centro-Sul do Ceará não resolveu os problemas causados pela longa estiagem. Em algumas regiões do estado, os municípios permanecem em situação de emergência e falta d'água para beber”. Nada mais cruel.

O site do Globo Rural, de 06.02, mostrou, em vídeo inclusive, que “as pastagens secas, animais, magros e reservatórios vazios. Em Acopiara, há oito meses não chove forte. Quinze carros-pipa distribuem água para 5 mil famílias. As comunidades mal têm água para beber. Para os animais, então, [as famílias] estão tendo que pegar água distante, porque o carro-pipa não é suficiente para abastecer também a parte dos animais”, revela Gideone Feitosa, representante da Defesa Civil. Acopiara está entre os 118 municípios do Ceará em situação de emergência por conta da seca. A falta de água atingiu também a zona urbana. A barragem que abastecia a cidade secou”.

O que podemos concluir é que a nossa indignação, neste tempo real, é maior. Não por que não chove, o homem não tem controle sobre a natureza. O que nos revolta é que nem o governo nem a sociedade civil organizada se preparou para os efeitos desta situação. Mantemo-nos no mesmo estágio do tempo da carta e do telegrama. Só se pensa em assistencialismo, fisiologismo, paternalismo, coronelismo, o bolsa d'água da baixaria da politicagem em que só se dá água a quem exibir uma coloração política aliada. É muita vilania, é muita covardia.

Qual a perspectiva de um povo que não tem água? Estamos de costas para o futuro, enquanto a bandidagem organizada tripudia sobre nós e nos sufoca pela sede que bate nas gargantas dos que lá resistem e teimam em viver.

JB Serra e Gurgel, escritor e jornalista (Acopiara)